

## O Culto da Verdade em Camões

*João Carlos Teixeira Gomes  
do Instituto de Letras da UFBA.*

Dirigindo-me aos universitários de Fortaleza, para falar sobre "O Culto da Verdade em Camões", o que desejo, em primeiro lugar, é transmitir aos jovens uma idéia mais real daquilo que foi, em vida, o poeta português. Objeto de entusiásticos elogios e tendo a sua obra estudada nos mais variados aspectos, muitas vezes sem a necessária consciência crítica e em clima de pura retórica apologética, Camões, para a juventude, acabou por transformar-se num mito distanciado e nebuloso, certamente muito mais citado do que lido, e cercado de uma aura quase sagrada, que impõe um certo temor, mais do que impulso de aproximação e convivência. Seria um prêmio se estas palavras, de algum modo, contribuíssem para diminuir o distanciamento que existe entre os jovens de hoje e a obra camoniana. A minha própria geração foi longo tempo prejudicada no seu desejo de conhecê-la — ou, melhor dizendo, inibida de fazê-lo — em virtude da equívoca metodologia de ensino de certos professores de língua portuguesa, que transformavam as mais belas passagens de *Os Lusíadas* em pasto para intermináveis e massacrantes dissertações gramaticais, impedindo-nos, assim, o acesso à verdadeira plenitude literária do texto camoniano.

Entendamos, pois, inicialmente, que Luís Vaz de Camões não foi nunca, nem deverá jamais ser assim considerado, uma impassível "estátua literária" das letras universais, colocada pelo endeuamento crítico num

Conferência pronunciada no auditório Oliveira Paiva, em Fortaleza, Ceará, durante o II Simpósio Norte-Nordeste de Língua e Literatura, em 23 de agosto de 1980.

pedestal que nos infunde receios, ao invés de amor. Pelo contrário. A sua própria vida, tão mal conhecida ainda hoje, nos dá, todavia, pelos poucos episódios incontroversos que a cercam, a idéia de um homem que, acima de tudo, amava intensa e profundamente a vida, sem preconceitos de qualquer natureza; encarnava a figura típica da estirpe dos poetas, isto é, homens que descem ao âmago da existência humana para fruí-la em toda a sua verticalidade, sem limitações, pondo a sua rica experiência pessoal e o seu poder de criar belezas a serviço dos homens de todas as épocas, na atemporalidade própria da grande poesia. Antes, pois, de cultivar-lhe uma cega reverência à obra, compreendamos que Camões foi um homem de carne e osso como todos nós, com as típicas imperfeições (e perfeições, acrescentemos logo) da natureza humana. Nunca viveu trancado em gabinetes, estudando a vida inteira; aliás, um dos aspectos mais curiosos do pouco que conhecemos da sua biografia é que nada explica como pôde ter armazenado tão vasta cultura, ele que viveu grande parte da vida viajando, por terras com costumes e hábitos tão diversos dos seus, e tendo sido, além disso, soldado e marinheiro — atividades que, em regra, tão pouco se ajustam às inclinações do saber e do estudo; o mais eloqüente reflexo do seu imenso amor à vida foi o seu amor pelas mulheres, amor pleno, intenso e total, e não esse vago amor platônico a que se referem alguns livros equivocados, pensando que é possível estabelecer padrões e exemplos para a juventude pela escarnoteação da verdade; amou e celebrou muitas mulheres, sem se fixar em nenhuma, pois as coisas ocorrem como devem ser, e só poderia mesmo ser volúvel o coração de tão grande amoroso; graças a isto, por certo, legou-nos alguns dos mais belos poemas anotados da língua portuguesa; de temperamento explosivo, acabou ferindo a espada um desafeto e por isso experimentou a prisão; uma biografia recente e inovadora, *Vida Ignorada de Camões*, de autoria do diplomata português José Hermano Saraiva, revela-nos que o poeta não foi nobre, ao contrário dos que pensam que a condição de nobreza seria a contrapartida do *status* social para explicar tão alta poesia, envolveu-se em amores proibidos com a mulher e a filha de um conde que o protegia, foi acusado de desonesto pela administração portuguesa e, finalmente, teria em seu sangue ascendência judaica, fatos esses todavia ainda não confirmados com documentos, como tudo aquilo, repitamos, que envolve a sua vida.

Quis pintar-lhes esse rápido esboço para que todos vocês enfim compreendam que o Camões verdadeiro está tão distante dos livros, que em grande parte através deles, só conhecemos o falso; mas para sentir, compreender e amar a obra de Camões precisamos distanciar-lo dessa visão deformada que o aponta como "padrão moral e cívico de uma raça", e entendê-lo, sobretudo, em sua verdadeira estatura de homem simples como todos nós, enredado nas pequeninas ocorrências da vida quotidiana, como acontece a qualquer um, embora dotado de gênio poético tão singular e único, que elaborou uma das mais belas e importantes obras, dentro do fecundo patrimônio da literatura ocidental.

Falei-lhes um pouco da vida, para que melhor sirvassem o homem; mas deixem-me dizer-lhes agora que, do ponto de vista literário, não é o homem que nos interessa, mas sim a obra que ele produziu. Um escritor não é a sua biografia pessoal, os fatos que se desenrolam entre o seu nascimento e a sua morte. Um escritor é aquilo que ele nos deixou nos livros, através do discurso literário que ele elaborou, da *linguagem* que

sobe organizar. Há razão em considerar que a obra é acima de tudo aquilo que lhe dá o Ser — no caso da literatura, a linguagem verbal, como a linguagem das cores faz a pintura e a linguagem dos sons produz a da música. Sentimentos, emoções, paixões, reações psicológicas, modos de ser, ver e sentir, visão de mundo, ideologia (política ou não), enredo, intriga, ação, todos os elementos trabalhados pelo escritor, só podem ser apreciados criticamente a partir do momento em que encontram, no plano do *façon*, adequada organização. É neste sentido que se justifica a conhecida observação de Mallarmé, segundo a qual poesia se faz com palavras e não com idéias — embora ela se faça com as duas coisas. Fora da linguagem, porém, pode haver "intenções", mas não arte literária, porque emoções, paixões, idéias, sentimentos, bem como "histórias" e "acontecimentos pessoais" para narrar, temos todos nós, mas só aqueles que são artistas podem e sabem ordenar e artumar esteticamente essa substância vital, fruto da experiência do escritor no seu *estar-no-mundo*. Não são os "temas", enfim, que fazem a arte, mas sim a maneira de organizá-los esteticamente, dar-lhes formas autônomas em relação aos motivos que os inspiram.

Todo esse preâmbulo vem a propósito do tema deste trabalho, "O Culto da Verdade em Camões". De um ponto-de-vista estritamente crítico, teria sentido, no estágio atual dos estudos literários — hoje essencialmente formalistas, isto é, dando ênfase à linguagem e aos aspectos formais da obra literária, em detrimento dos seus elementos externos, sociais, históricos, psicológicos ou filosóficos — teria sentido, repetamos, essa preocupação com a "verdade" que emerge da obra de um escritor, quando ela pode não conter "verdade" alguma, mas refletir apenas o imaginário, o suposto, o inventado, tudo aquilo que compõe um universo de belas mentiras ou de ficção, as famosas "fábulas sonhadas" a que aludia o próprio Camões? O poeta é ou não um "fingidor", como nos diz o poema tão conhecido de Fernando Pessoa? Por que essa preocupação com um possível "culto da verdade" na obra camoniana?

Deixemos claro, agora, que não nos concentraremos na biografia do poeta, objeto, como já dissemos, de intermináveis controvérsias. Embora não concordemos com a tese hoje tão corrente de que os dados biográficos são irrelevantes, até porque é um impulso natural da condição humana querer conhecer a vida daqueles escritores que mais se identificam conosco, melhor exprimem nossas idéias, posições e sentimentos, o que desejamos no momento é registrar o que, na obra do autor luso, representa de compromisso com a experiência humana no seu mais alto sentido, fazendo da obra, ao mesmo tempo que um artefato artístico de valor universal, um documento sobre as idéias do *homo scriptor*, as posições por ele assumidas diante dos valores e práticas da sua época, entendendo a poesia como o testemunho de realidades plenamente vividas e não apenas como reduto das convenções da literatura ocidental, a partir do Renascimento e até o séc. XVIII.

Sim, porque é este aspecto que vai distinguir Camões no contexto histórico em que ele viveu. Enquanto a maioria dos poetas do seu tempo utilizava a literatura como uma forma de ocultamento da vida, mascarada e dissimulada sob a superfície dos convencionalismos, gerados, em grande parte, pelas regras de imitação então vigentes (reflexo da reelaboração do conceito aristotélico de mimese), o que vemos quase sempre em Camões é uma atitude de clara adesão ao real e ao verdadeiro, àquele "saber de

experiências feito" que ele tanto exaltava como norma de conduta, na tentativa, que em sua obra resultou tão feliz, de fazer da literatura não um simples adorno espiritual para a fruição de um vago prazer estético, mas sim um prolongamento, uma extensão da vida, apreendida no cerne da vivência vertical e extensiva, que enriquece tão profundamente o homem, mesmo quando o maltrata ou traumatiza — o que aconteceu com o próprio Camões.

Esse "realismo", essa plena aderência e identificação com o real, a busca da expressão artística das verdades "vivas" e não imaginadas ou "sonhadas", eis a primeira lição que nos fica à leitura da obra camoniana, quer da épica como da lírica, embora esta última, com exceção apenas de três poemas que ele publicou em vida, tenha toda a sua autenticidade questionada até hoje, pois passou a ser reunida arbitrariamente a partir da primeira edição das *Rimas*, em 1595, quando o poeta já havia morrido, e venha sendo objeto de edições arbitrárias e acrílicas, pois não se conhece, verdadeiramente, o que o Camões lírico escreveu. Entre supressões e acréscimos ao que nos deixaram os velhos "cancioneiros de mão" já se vão mais de quatro séculos; e só recentemente um mestre brasileiro, o Prof. Emanuel Pereira Filho, prematuramente falecido, nos possibilitou critérios mais rigorosos para aferição do cânone da lírica, objeto ainda, todavia, de intransponíveis controvérsias.

Voltemos, porém, ao nosso assunto, para dizer que em vários trechos da sua obra Camões confessará abertamente os desígnios de um comprometimento radical com a verdade. Já no canto I de *Os Lusíadas*, dirá:

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,  
Fantásticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas.  
As verdadeiras vossas são tamanhas,  
Que excedem as sonhadas, fabulosas,  
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.  
(L, I, 85)

Mais adiante, registra:

Que por muito e por muito que se afinem  
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,  
A verdade que eu conto, nua e pura,  
Vence toda a gradiloqua escritura.  
(L, V, 89)

Ainda nos *Lusíadas*, Camões vai exprimir o seu apego ao testemunho pessoal, à experiência vivida, a uma arte, em suma, que se nutre da vida:

Se os antigos filósofos, que andaram  
Tantas terras por ver segredo delas  
As maravilhas que eu passei, passaram,  
A tão diversos ventos dando as velas

Que grandes escrituras que deixaram!  
 Que influência de signos e estrelas!  
 Que estranhezas, que grandes qualidades!  
 E tudo sem mentir, puras verdades.

(L, V, 23)

As viagens de que participou lhe forneceram o material sobre as coisas do mar que o fizeram, como frisamos, também marinheiro, ao lado de soldado e de poeta. É o marinheiro-poeta, assim, que fala nestas estrofes famosas, em que o desejo de *depor*, de *dar um testemunho*, de celebrar a experiência, se faz notório:

Contar-se longamente as perigosas  
 Cousas do mar, que os homens não entendem,  
 Súbitas trovoadas temerosas,  
 Relâmpagos que o ar em fogo acendem,  
 Negros chuveiros, noites tenebrosas,  
 Bramidos de trovões que o mundo fendem  
 Não menos é trabalho, que grande erro  
 Ainda que tivesse a voz de ferro.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,  
 Que tem por mestra a longa experiência,  
 Contam por certos sempre e verdadeiros,  
 Julgando as coisas só pela aparência,  
 É que os que têm juízos mais inteiros  
 Que só por puro engenho e por ciência  
 Vem do mundo os segredos escondidos  
 Julgam por falsos ou mal entendidos.

Vi claramente visto o lume vivo  
 Que a marítima gente tem por santo  
 Em tempo de tormenta e vento esquivo  
 De tempestade escura e triste pranto.

(L, V, 16.17.18).

"Vi, claramente visto". Eis a reiteração que define a postura de Camões perante o mundo. E nas estrofes seguintes seguir-se-á a célebre descrição de uma tromba-d'água em pleno oceano, uma das passagens de *Os Lusíadas* que mais realçam o *minucioso realismo camoniano*, e que omitiremos aqui, por longa para nossos propósitos.

Os exemplos não param aí, nem alimentaremos a pretensão de efetuar uma catalogação perfeita e definitiva do que, na vasta obra camoniana, reflete esse reiterado apego à verdade da vida, a que se chega pela via de acesso da experiência pessoalmente vivida, e não pelos caminhos da imaginação poética — como ele nos parece revelar, pela *insistência* com que trata do assunto. Aliás, no canto X, quando se dirige ao Rei de Portugal para dizer-lhe mais uma vez dos méritos dos seus vassalos, Camões exorta o monarca a cercar-se dos "mais exp'imentados", que, por o serem, deveriam merecer especiais atenções do Rei:

Os mais exp'rimentados levantai-os  
 Se com a experiência tem bondade  
 Para vosso conselho, pois que sabem  
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.  
 (L, X, 149)

O mesmo tema se impõe na estrofe 152 do canto citado:

Tomai conselhos só de exp'rimentados  
 Que viram largos anos, largos meses,  
 Que posto que em cientes muito cabe  
 Mais em particular o experto sabe.  
 (L, X, 152)

Falando das artes da guerra, que tão bem conheceu como o soldado que ouvia os pelouros zunindo em seu redor, Camões nos dá uma indicação do que foi o seu comportamento perante a vida e o mundo, sempre fundado na aprendizagem pessoal dos fatos da empiricidade:

A disciplina militar prestante  
 Não se aprende, senhor, na fantasia,  
 Sonhando, imaginando ou estudando.  
 Senão vendo, tratando e pelejando.  
 (L, X, 153).

Poderia dizer legitimamente todas essas coisas quem, em dois versos da estrofe seguinte, haveria de resumir magistralmente a sua filosofia sobre a postura do homem no processo de apreensão e compreensão do mundo e da busca do sentido da vida:

Nem me falta na vida honesto estudo  
 Com longa experiência misturado (...)  
 (L, X, 154).

Vimos como a questão se coloca na épica. Citemos, agora, alguns exemplos tomados à lírica. E digamos, desde já, que a mesma preocupação que nela se verifica de confessar que aquilo que se exprime poeticamente resulta do vivido no real é tão freqüente, que já deveria ter levado os estudiosos do cânone da lírica camoniana a estabelecer um paralelo entre essa tendência da sua poética e as dos seus contemporâneos, muito mais voltados para a submissão aos convencionalismos retóricos do classicismo. Essa diferença tem valor prático, porque mostra, tanto na épica como na lírica, um mesmo e único poeta, coeso em sua visão de mundo e nos processos de manipulação da linguagem.

Um dos trechos mais eloqüentes, a esse respeito, na lírica, é o que se segue, cumprindo explicar que todos os poemas aqui citados obedecem à lição do Prof. Alvaro Júlio da Costa Pimpão:

Metido tenho a mão na consciêcia  
 E não falo senão *verdades puras*.  
 Que me ensinou a viva experiência.  
 (soneto 93)

Na famosa canção X, "Vinde cá, meu tão certo secretário", considerada por muitos estudiosos como a espinha dorsal da lírica e de enfático sentido confessional, ele dirá:

Nem eu delicadezas vou cantando  
co gosto de louvor, mas explicando  
*puras verdades* já por mim passadas.  
Oxalá foram fábulas sonhadas!

(canção X)

Nos dois textos acima grifados, houve apenas a inversão do adjetivo. Já no primeiro terceto do soneto 166, o poeta afirma:

Doutos varões darão razões subidas  
mas são experiências mais provadas  
*e por isso é melhor ter muiso visto.*  
(soneto 166).

Aliás, registre-se que entre as quatro qualidades e condições que ele aponta como capazes de tornar "qualquer alma (...) segura e forte", em primeiro lugar, e certamente não por acaso, situa-se, justamente, a verdade. Eis como principia o mesmo soneto:

Verdade, Amor, Razão, Merecimento,  
qualquer alma farão segura e forte;  
Porém, Fortuna, Caso, Tempo e Sorte,  
Têm do confuso mundo o regimento.

Num poeta que sofreu tantos dissabores de ordem pessoal (fato que nem os precários dados da sua biografia podem ocultar, porque muitos deles estão narrados em *Os Lusíadas*, se não quisermos acreditar na veracidade da lírica), não chega a surpreender que o espírito racional e lógico do homem do Renascimento vacile diante das privações sofridas, na alma e na carne, fato que subverteu para o poeta toda uma hierarquia de valores, no "confuso mundo" que foi o da sua existência.

\* \* \*

A insistência com o tema da verdade continuará sempre obsessiva.

No soneto "Enquanto quis Fortuna que tivesse", o encadeamento do primeiro terceto ao verso inicial do segundo terceto é, também, a confirmação dessa fidelidade:

Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos  
a diversas vontades! Quando lerdas  
num breve livro casos tão diversos,  
Verdades puras são, e não defeitos...  
(soneto 1)

Outros exemplos poderiam ser citados, mas os já expostos são

suficientes para os nossos objetivos.

O que podemos notar, através deles, é que, mais do que simples procedimentos poéticos, tais exemplos refletem, inquestionavelmente, uma fixação de ordem psicológica, como se fosse muito importante para o poeta dizer ao leitor que acredite nas suas confissões, que sua obra, em suma, exprime uma realidade humana que transcende a simples experiência literária em si, numa harmoniosa e solidária confluência entre poesia e vida.

É a existência desse "clima vital" na obra camoniana, dessa atmosfera interior que traduz o vivido e experimentado, dessa "substância humana" presente no texto, que vai fazer de Camões um poeta único, não apenas no Renascimento português, mas europeu em geral. Os outros, mesmo os maiores, voltaram-se, em regra, para o preceituário da antiga retórica greco-latina, revitalizada pela fermentação criadora do Renascimento: é sobretudo em Camões que mais observamos o estreitamento dos laços que unem a literatura à vida, ao quotidiano, ao real palpável, inclusive no plano amoroso, o que o levou, em muitas passagens, da lírica e da épica, a relegar a plano secundário a visão amorosa nutrida do idealismo renascentista, inflada de neoplatonismo e do petrarquismo, para celebrar o amor como um "fogo que arde sem se ver", exaltação da carne e dos sentidos, envolvendo pateticamente o homem em seus dilaceramentos, tal como aparece na desdita do Adamastor, uma grande alegoria do infortúnio amoroso. É óbvio que toda essa "substância" por si mesma não faria de Camões o grande poeta que foi; houve com ele, porém, o fato raro de ter, à disposição do seu engenho e da sua arte, os elementos trabalhados por uma sensibilidade que se depurou nos embates da vida e na progressão do sofrimento espiritual experimentado longe da Pátria e à mercê da fortuna instável. Em Camões, podemos afirmar que o *fabbro*, o grande artífice manipulador das palavras, coexiste com o "possesso", o poeta possuído pela "fúria", pela inspiração ou "mania" de que nos fala Platão — inspiração esta que o impediu de ser apenas *mais um* correto poeta do Renascimento ibérico, para transformar-se na maior figura da literatura peninsular do séc. XVI e, sem dúvida, num dos maiores nomes de todas as literaturas.

É essa "consciência de verdade" que faz de Camões também um lúcido analista dos males dos expansionismo marítimo português, um crítico dos desregramentos de autoridades e aventureiros lusos na Ásia, faceta que se nos revela sem dificuldade a uma leitura mais atenta de certas passagens de *Os Lusíadas*, que, ao contrário do que muitos pensam, não é apenas um longo poema encomiástico, celebrador da viagem do Gama e dos feitos lusos rumo às rotas orientais, mas, igualmente, um libelo contra os desmandos verificados ao longo das navegações - desmandos de que ele de certa forma foi testemunha pessoal, como um dos participantes já tardios da saga da conquista, e dos quais nos deixou vivo testemunho Fernão Mendes Pinto, nas páginas da *Peregrinação*.

Numa definição perfeita, Fidelino de Figueiredo disse que "a epopéia é a glosa poética de um mito". A epopéia trabalha com o material fornecido pela história, mas a transcende pela incorporação de uma visão lendária que se vai acrescentando ao fato histórico, com o passar do tempo. Por isso, as grandes epopéias só surgem quando os acontecimentos que as motivam já receberam a superposição progressiva dos elementos míticos



manipulados pela imaginação coletiva, ao longo de séculos sucessivos. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a *Iliada*, de Homero, o maior poema épico da literatura ocidental, que, narrando-nos a ira de Aquiles ante a perda da sua escrava preferida para o chefe militar Agamenon, desenvolve toda a sua ação no *background* do cerco de Troia, poeticamente explicado como decorrência do desejo de Menelau de resgatar a esposa Helena seduzida pelo jovem Páris, quando, na verdade, resultou dos apetites econômicos de uma confederação de cidades gregas sobre as riquezas da opulenta cidadela de Heitor e Príamo, situada em rotas estratégicas no Helesponto.

Sabemos que o poema homérico é de elaboração oral tardia, reunindo, numa síntese, as numerosas rapsódias que, diacronicamente, se foram formando em torno do conflito. Camões, porém, trabalhou com um material próximo no tempo, pois apenas 74 anos — período curto para que o aluvião mítico se sobrepujasse ao material histórico — separaram a publicação dos *Lusíadas* (1572) da chegada de Vasco da Gama a Calicut (1498).

Essa relativa proximidade temporal teria dificultado a Camões a elaboração de um poema épico em que os fatos lendários cercassem a história com a aura do maravilhoso, uma das razões pelas quais poderia ele ter optado — solução que a tantos críticos tem parecido superficial e uma das carências do poema — pela presença da mitologia clássica em toda a estrutura dos *Lusíadas*. Por outro lado, porém, aguçou, na criatividade de Camões, evidente inclinação para o registro realista dos fatos — inclinação esta que se faz patente ainda em certos trechos da lírica. Aludimos, linhas atrás, à descrição de uma tromba d'água que aparece no canto V com tais detalhes e minúcias, que parece ser o relato de quem *presenciou*, de quem *viu* o fenômeno. No canto VI, volta o poeta a descrever com extremo apego à realidade "experimentada" outro grave acontecimento marítimo, uma tempestade, que em rápidas pinceladas nos é narrada também, com inigualável competência e mestria, em alguns tercetos da elegia "O Poeta Simônides falando". Comparemos as duas passagens — sempre ressaltando que uma se dá num poema épico e outra numa composição marcadamente subjetiva, como é a elegia — para exemplificarmos melhor certos processos realistas na poética camoniana. O trecho seguinte é do canto VI:

Não eram os traquetes bem tomados,  
Quando dá a grande e súbita procela,  
— "Amaina (disse o mestre a grandes brados),  
Amaina (disse), amaina a grande vela!  
Não esperam os ventos indinados  
Que amainassem, mas, juntos dando nela,  
Em pedaços a fazem cum ruído  
Que o mundo pareceu ser destruído!

.....  
Correm logo os soldados animosos  
A dar à bomba; e, tanto que chegaram,  
Os balanços que os mares temerosos  
Deram à nau, num bordo os derribaram.  
Três marinheiros, duros e forçosos,

A menear o leme não bastaram;  
 Talhas lhe punham, d'ũa e doutra parte,  
 Sem aproveitar dos homens força e arte.

Os ventos eram tais que não puderam  
 Mostrar mais força d'ímpeto cruel  
 Se pera derribar então vieram  
 A fortíssima Torre de Babel.  
 Nos alússimos mares, que cresceram,  
 A pequena grandura dum batel  
 Mostra a possante nau, que move espanto,  
 Vendo que se sustém nas ondas tanto.

.....

Agora sobre as nuvens os subiam  
 As ondas de Netuno furibundo;  
 Agora a ver parece que desciam  
 As íntimas entranhas do Profundo.  
 Noto, Austro, Bóreas, Áquilo, queriam  
 Arruinar a máquina do Mundo;  
 A noite negra e feia se alumia  
 C'os em que o Pólo todo ardia!  
 (L. VI, 71,73,74,76)

A sensação que tem o leitor é a de que está *visualizando* a tempestade, pois todos os recursos da linguagem são empregados para mostrar o clima de pânico que se instaura a bordo, os esforços urgentes dos marinheiros a fim de estabilizar a nau desgovernada pela tormenta que, de tão devastadora, parecia "arruinar a máquina do Mundo" — poderosa hipóbole que nos dá dimensão da tragédia, na perspectiva de quem a vivenciou. Pois bem: a mesma descrição movimentada e ágil, o mesmo dom de observação realista vão repetir-se no reduzido espaço de cinco tercetos da elegia mencionada (uma peça *lírica*, insista-se) que reproduziremos a seguir:

Eis a noite com nuvens escurece,  
 Do ar supitamente foge o dia,  
 e o largo oceano se embravece.

A máquina do Mundo parecia  
 que em tormenta se vinha desfazendo,  
 em serras todo o mar se convertia.

Lutando Bóreas fero e Noto horrendo  
 sonoras tempestades levantavam  
 das naus as velas côncavas rompendo.

As cordas, co ruído, assoviavam,  
 os marinheiros, já desesperados,  
 com gritos para o Céu o ar coalhavam.  
 Os raios por Vulcano fabricados,

vibrava o fero e áspero Tonante  
Tremendo os Pólos ambos, de assombrados!  
(elegia I)

Cotejando os dois discursos — o da narrativa épica e o lírico — vemos como se assemelham na utilização de idênticos expedientes retóricos, inclusive no recurso à expressão “a máquina do Mundo”. Observamos, de passagem, que os estudiosos do cânone da lírica poderiam aprofundar os exames em torno do emprego desses recursos, cujas afinidades tão evidentes parecem transcender a hipótese de uma convergência intertextual de natureza mimética. O material comporta reexame no conjunto da produção de Camões — a de autoria indiscutível e a de autoria controversa.

A conquista dos mercados asiáticos não foi uma simples empresa econômica do mercantilismo, mas sim uma verdadeira guerra que entre si travaram as principais potências náuticas do séc. XVI e seguintes, notadamente Espanha, Portugal, Itália, Holanda e Inglaterra. Descoberto o caminho para as Índias por Vasco da Gama, Portugal procurou manter em sigilo por largo tempo o domínio das novas rotas. Na tremenda competição que a seguir se implantou, não faltaram, sequer, os lances rocambolescos da espionagem para varar segredos, facilitar concorrências, ultrapassar rivais. Em 1579 — 31 anos portanto depois da viagem pioneira do Gama — desembarcava em Goa, ironicamente levado por uma armada lusa, um moço holandês de nome Jan van Linschoten, que, ali vivendo durante cinco anos, armazenou e transmitiu aos seus compatriotas informações que acabariam por prejudicar os interesses lusos no Oriente e, conseqüentemente, favorecer o expansionismo holandês, afinal vitorioso, através do reconhecimento internacional, já no séc. XVII, da tese do *mare liberum*, de Hugo Grócio, que derrotara perante os tribunais a do *mare clausum*, defendida por Portugal. Enquanto isto não aconteceu, porém, a nação lusa, dissimulando os apetites da conquista e da obtenção de riquezas materiais sob o emblema do cruzadismo missionário e da dilatação da fé e do império (muito mais do império do que da fé), impôs às terras asiáticas, como já fizera antes na África, o duro guante de violência e do colonialismo inflexível, em que se destacou logo de início Alfonso de Albuquerque, o “Terrível”, como o chamavam seus próprios contemporâneos.

Camões viveu na Ásia distante dos dramáticos e opulentos momentos iniciais do expansionismo, quando Portugal, acumulando riquezas, se transformou numa das cortes mais luxuosas da Europa. Viveu já num período de estagnação e decadência, prenunciador do clima de “apagada e vil tristeza” e do que *ouviu e viu* deixou para a posteridade, nas entrelinhas e muitas vezes nas próprias linhas do seu poema maior, o testemunho da sua repulsa aos procedimentos da cobiça insaciável e feroz do mercantilismo, que transformou a Ásia, até o séc. XX, num feudo dos interesses europeus. Esta faceta da visão camoniana, tão pouco realçada pelos que acostumaram a ler *Os Lusíadas* apenas como a exaltação patriótica dos feitos portugueses ou a bíblia cívica de uma nação, é um outro e importante reflexo do seu amor à verdade, do seu desejo de não escamoteá-la, mesmo que prevalecesse o sentido glorificador e apologético que marca quase todo o poema. Mas não lhe faltam os instantes de queixa e de crítica, de reprovação do comportamento da nobreza beligerante que flagelava a Ásia, de clara denúncia das mazelas deixadas pela atividade econômica predató-

ria, da injustiça dos reis que, esquecidos do papel desempenhado pela "arraia miúda" nas glórias de Portugal, recompensavam apenas os áulicos e os poderosos. A ambição e a cobiça dos seus compatriotas provocaram versos que constituem um dos pontos luminosos de *Os Lusíadas*.

E ponde na cobiça um freio duro  
E na ambição também, que indignamente  
Tomais mil vezes, e no torpe e insano  
Vício da tirania infame e urgente;  
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,  
Verdadeiro valor não dão à gente:  
Melhor é merecê-los sem os ter  
Que possuí-los sem os merecer. (L,IX,93)

Os dois últimos versos, soberbos, definem toda a filosofia moral de Camões em relação à conquista. O momento máximo dessa atitude, o trecho que assinala a síntese do pensamento camoniano sobre o lado cruel do expansionismo, está contido no episódio do "Velho do Restelo", não por acaso situado num dos cantos iniciais de *Os Lusíadas* — o IV. Dele extraímos, para exemplificar mais uma vez o senso ético e humanístico de Camões, o seu reiterado apego à verdade, estas passagens decisivas do canto mencionado, em que ele fala pela boca de um ancião "de aspecto venerando", símbolo da sensatez e da experiência que os anos, só eles, acumulam:

"Ó glória de mandar, ó vã cobiça  
Desta vaidade a quem chamamos Fama!  
Ó fraudulento gosto, que se atia  
Cûa aura popular, que honra se chama!  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades neles experimentas!

"Dura inquietação d'alma e da vida  
Fonte de desamparos e adultérios,  
Sagaz consumidora conhecida  
De fazendas de reinos e de impérios!  
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,  
Sendo dina de infames vitupérios;  
Chamam-te Fama e Glória soberana,  
Nomes com quem se o povo néscio engana!

"A que novos desastres determinas  
De levar estes reinos a esta gente?  
Que perigos, que mortes lhes destinás,  
Debaixo dalgum nome preminente?  
Que promessas de reinos e de minas

Douro, que lhes farás tão facilmente?

Que famas lhes prometrás? Que histórias?  
Que triunfos? Que palmas? Que Vitóriais?

.....

"Oh, maldito o primeiro que, no mundo,  
Nas ondas vela pôs em seco lenho!  
Dino da eterna pena do Profundo  
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!  
Nunca juízo assim, alto e profundo,  
Nem cítara sonora ou vivo engenho  
Te dê por isso fama nem memória,  
Mas contigo se acabe o nome e glória!  
(L, IV, 95, 96, 97, 102).

Temos, assim, um retrato inteiro do poeta e do homem Camões. Sensibilizado pelo heroísmo das travessias, pela grandeza de um povo que superava suas carências através do denodo patriótico de alargar as fronteiras, realizando a sua vocação do mar, teceu um hino de louvor à Pátria pequenina e brava, num impulso de identificação cívica; mas soube manter-se vigilante aos aspectos menores dessa grande empresa, denunciando-lhe os abusos, as violências e as iniquidades, a degeneração logo surgida no bojo da voracidade mercantilista. Foi o celebrador da coragem dos heróis que enfrentavam os ocultos desígnios do "mar tenebroso", mas não o cúmplice de um clima paralelo, de opróbrio e exorbitâncias. Poeta das mais perenes belezas que um homem pode registrar através do poder mágico do verbo, artífice consciente do seu próprio gênio poético como criador de linguagem, foi, por outro lado, numa afirmação de grandeza moral, o cultor da verdade que soube privilegiar com sua "fúria grande e sonora" e com o seu amadurecido "saber de experiências feito", que conquistou pelo estudo, mas, sobretudo, vivendo e amando intensamente a vida, numa síntese gloriosa que nele compôs o perfil do humanista perfeito.

#### SUMMARY

The work above is a conference made by prof. João Teixeira Gomes at Fortaleza, Ceará, during the II Symposium North-Northeast of Language and Literature in 1980. At the work the great portuguese poet Luis de Camões is seen as a man from Renaissance and at the same time in its perspective of a common man that transferred to his ethical and lyrical work his personal experience as a soldier and a mariner. Epic and lyrical work that, apart from freedom that characterized the period, added the love of "truth" and of "experience".

This "realism", this full adhesion and identification with the real, the search of the artistic expression of the 'experienced' truths, not imagined or dreamed, is the first lesson that remains when we read the common work of Camões, writes the author.

Camões is presented not only as the singer of the portuguese conquests period but also as the critical of the rapacity of its contemporanians in the recently conquered lands.

#### RÉSUMÉ

Le travail présenté ici c'est une conférence prononcée par le prof. João Carlos Teixeira Gomes à Fortaleza, Ceará, dans le II Symposium Nord-Nordest de Langue et Littérature en 1980. Dans le travail le grand poète portugais Luis de Camões est vu comme un homme de la

Renaissance et au même temps dans sa perspective d'homme commun qui a transféré à son œuvre éthique et lyrique son expérience personnelle de soldat et marinier. Œuvre épique et lyrique uque, a par de la liberté caractéristique du période, aida l'amour de la "vérité" et de l'"Expérience".

Ce "réalisme", ce plein engagement et identification avec le réel, la recherche de l'expression artistique des vérités "vécues" et pas imaginées et songées, c'est la première leçon qui nous reste quand on lit l'œuvre cammoniène, écrit l'auteur.

Camões est présenté pas seulement comme le chanteur de l'époque des conquêtes portugaises, mais aussi comme le critique de la rapacité de ses contemporains dans les terres nouvellement découvertes.